

ROSANA PAULINO: COSTURAS DA MEMÓRIA NA 12ª BIENAL DO MERCOSUL

ROSANA PAULINO: STITCHES OF MEMORY AT THE 12TH MERCOSUL BIENNAL

ROSANA PAULINO: COSTURAS DE LA MEMORIA EN LA 12ª BIENAL DEL MERCOSUR

Jeferson Schoffen Cardoso¹
Larissa Priscila Bredow Hilgemberg²

Resumo

O presente artigo aborda a participação da artista e pesquisadora brasileira Rosana Paulino na 12ª Bienal do Mercosul, cujo eixo principal é o debate do lugar feminino e das minorias no contexto da atual sociedade. Sendo a artista homenageada desta Bienal, o artigo propõe a interpretação de duas de suas oito obras presentes na mostra: *Parede da Memória* (1994-2015) e *História Natural* (2016). Nelas, a artista incorpora a valorização das poéticas afro-brasileiras e tece manifestações contra o racismo, resgatando o papel da mulher negra na história do Brasil. Por meio de seu trabalho como educadora e pesquisadora, Rosana denuncia o abuso racial e trata de forma direta das ideias contrárias ao discurso da pseudociência que coloca a “raça branca” como superior. A Bienal, nesse contexto, estimula a reflexão ao abraçar as pluralidades existentes, trazendo propostas de mulheres e todas as sensibilidades relacionadas ao gênero, convidando o público a pensar criticamente sobre temas urgentes, como as desigualdades de raça e gênero, fortalecendo a democracia e ampliando os contornos da cidadania.

Palavras-chave: Rosana Paulino; Bienal do Mercosul; arte contemporânea.

Abstract

This article explores the participation of acclaimed Brazilian artist and researcher Rosana Paulino in the 12th Mercosul Biennial, which centered on the crucial debate surrounding the place of women and minorities within contemporary society. The article focuses on interpreting two of her eight exhibited works: *Parede da Memória* (1994-2015) and *História Natural* (2016). Through these pieces, Paulino incorporates and celebrates Afro-Brazilian poetics, weaving powerful artistic expressions that denounce racial injustice and reclaim the significant role of Black women in Brazilian history. Drawing upon her background as an educator and researcher, she directly confronts the harmful ideologies of racial superiority perpetuated by pseudoscientific discourse. The Biennial, in embracing such diverse perspectives, serves as a platform for critical reflection, amplifying the voices of women and promoting thoughtful consideration of urgent societal issues such as racial and gender inequalities. By fostering this dialogue, the Biennial strengthens the foundations of democracy and expands the boundaries of citizenship.

Keywords: Rosana Paulino; Mercosul Biennial; contemporary art.

Resumen

El presente artículo aborda la participación de la artista e investigadora brasileña Rosana Paulino en la 12ª Bienal del Mercosur, cuyo eje principal es el debate del lugar femenino y de las minorías en el contexto de la actual sociedad. Siendo la artista homenajeada de esta Bienal, el artículo propone la interpretación de dos de las ocho obras presentes en la muestra: *Pared de la Memoria* (1994-2015) e *Historia Natural* (2016). Em ellas, la artista incorpora la valorización de las poéticas afrobrasileñas y teje manifestaciones contra el racismo, rescatando el papel de la mujer negra en la historia de Brasil. Por medio de su trabajo como educadora e investigadora, Rosana denuncia el abuso racial y trata de forma directa de las ideas contrarias al discurso de la pseudociencia que pone a la “raza blanca” como superior. La Bienal, en ese contexto, estimula la reflexión al abarcar las pluralidades existentes, trayendo propuestas de mujeres y todas las sensibilidades relacionadas al género, invitando el público

¹ Acadêmico no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: jefersoncardoso858@gmail.com.

² Docente no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: larissa.h@uninter.com.

a pensar criticamente sobre temas urgentes, como las desigualdades de raza y género, fortaleciendo la democracia y ampliando los contornos de la ciudadanía.

Palabras clave: Rosana Paulino; Bienal del Mercosur; arte contemporánea.

1 Introdução

A 12ª Bienal do Mercosul, intitulada “Feminino(s), Visualidades, Ações e Afetos”, propõe uma zona de intercâmbio de visualidades que evidencia a riqueza da diversidade. Com curadoria de Andrea Giunta e apoio dos curadores assistentes Igor Simões, Fabiana Lopes e Dorota Biczal, a mostra se concentra nas propostas de mulheres e em todas as sensibilidades não binárias, fluidas e não normativas. Além disso, a exposição é enriquecida com obras criadas a partir de técnicas e materiais tradicionalmente atribuídos às artes femininas.

Em comunicado realizado no dia 16 de abril de 2020 através do canal oficial da Fundação Bienal no *YouTube*, o presidente da fundação, Gilberto Schwartsmann, anunciou a Bienal 12, que exclusivamente nessa edição ocorreu no formato on-line devido às restrições impostas pela pandemia da covid-19 (Live, 2020a). A mostra destaca obras de artistas que expressam oposição às diversas formas de violência e buscam uma nova ordem social menos opressiva e discriminatória em termos de gênero.

Em nota oficial no site da Fundação Bienal, Giunta discute os anseios ao realizar uma exposição virtual de grande porte como a Bienal, cuja organização teve início em novembro de 2018 através do seminário “Arte, Feminismos e Emancipação”. Nele, foram debatidos temas relacionados ao feminismo contemporâneo e às formas de opressão social e a relação desses debates com o campo das artes. Em uma *live*, a curadora se uniu ao presidente da Bienal e compartilhou as dificuldades em estabelecer a recepção estética da mostra, uma vez que o acesso aos espaços físicos não era possível (Gonçalves, 2020). A Bienal 12 apresentaria cerca de 30% dos trabalhos em forma de instalações e performances, que teriam a interação do público. Como esses espaços estavam suspensos, utilizou-se o ambiente virtual como ferramenta para aproximar curadores, convidados e artistas (Oliveira, 2021).

O projeto curatorial teve como ponto de partida as perguntas propostas pela teórica Nelly Richard em seu livro *Masculino/Feminino*, publicado em 1993. Suas interrogações permeiam as lógicas binárias excludentes, as construções e incompatibilidades do lugar social feminino em um contexto em que pautas femininas ressurgem nas agendas, não realizadas desde os anos 1960 e 1990, captando a urgência e necessidade como consequência do aumento da violência contra mulheres e os coletivos LGBTQ+, o aumento da pobreza e a evidência dos sistemas de exclusão e discriminação.

Através de suas pesquisas, Giunta vem desenvolvendo estudos sobre gênero desde os anos 1990 e aborda a escassez da representação feminina no mundo da arte. Seu ponto de partida foi a exposição *Mulheres Radicais: Arte Latino-americana (1960-1985)*, exibida no Hammer Museum (2010), de Los Angeles, no Brooklyn Museum (2017), de Nova York, e na Pinacoteca de São Paulo (2018). A pesquisadora defende que os discursos feministas permitiram ampliar as possibilidades de análise centradas nas construções culturais e na criação social dos papéis sexuais, estabelecendo os fundamentos da diferenciação discriminatória (Simões, 2022).

Sob essa perspectiva, Andrea considera o feminismo uma filosofia, presente desde 2009 no tema central de suas pesquisas, uma forma de refletir sobre o mundo “de outra maneira”. A Bienal, ao migrar para o ambiente digital, permitiu o diálogo entre o público, artistas e curadores. Mesmo sem o trajeto físico, a exposição possibilitou a reflexão e contribuiu para o debate de temas sociais urgentes e importantes (Gonçalves, 2020).

De acordo com Oliveira (2021), a organização da Bienal 12 propõe um enfoque no discurso e na escolha dos artistas que trazem à luz, por meio de suas obras, as memórias e resistência da ancestralidade negra. Essa proposta busca reescrever as narrativas tradicionais e descolonizar o pensamento, tendo a arte como instrumento. Essa motivação é impulsionada pelas condições enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil e no mundo. A Bienal se transformou em uma rede colaborativa, trazendo textos, vídeos, fotos, depoimentos e informações sobre o trabalho de cada artista, permitindo que curadores e artistas pensassem juntos novos meios de exposição das obras.

A exposição, que originalmente seria sediada em Porto Alegre em seu formato tradicional, apresenta obras de 75 artistas vindos da América Latina, América do Norte, Europa, Ásia e África, com a participação de 80% de mulheres. Este artigo, de caráter descritivo e exploratório, aborda a contribuição da artista homenageada Rosana Paulino, que tem papel de destaque na construção das discussões sobre a presença da mulher negra e as manifestações contra o racismo.

2 12ª Bienal do Mercosul: construção da memória coletiva

O elemento essencial para a Bienal 12 se dá a partir da vontade de proporcionar espaços nos quais estar juntos fosse um privilégio com a necessidade de enfrentar as diversas formas do feminino, associado às noções de raça. Com um programa educativo que convocou docentes, estudantes de licenciaturas e mediadores, formou-se uma câmara de professores responsáveis

por acompanhar as atividades desenvolvidas pelo programa, garantindo que as vozes presentes fossem consideradas durante todas as etapas do trabalho (Simões; Loponte, 2021).

A Bienal 12 propôs um espaço de expressões e escutas, evidenciando a necessidade de mudança de uma estrutura tradicionalmente excludente, regidas através de representações simbólicas e culturais no meio da arte. Dessa forma, o foco central está na criação de territórios de intercâmbios e debates através de encontro dos diferentes públicos, propondo o pensar crítico coletivo para confrontar os desafios de fortalecer a democracia e diversificar os contornos da cidadania.

Dentro de tal panorama, percebe-se que no mundo das artes as discussões sobre gênero e o recorrente predomínio masculino denunciam uma misoginia, não considerando as mulheres como criadoras, mas como musas inspiradoras. Embora o cenário tenha começado a mudar com a terceira onda dos movimentos feministas, na década de 1960, e os estudos de gênero tenham proporcionado uma maior liberdade para que mulheres pudessem adentrar em outros campos, deixando o espaço doméstico, ainda é notório que os nomes masculinos ganhem lugar de destaque no campo artístico (Dionísio; Sugawara, 2018).

Através de 12 proposições artísticas relacionadas à mostra e seu universo de pensamentos, o programa educativo da Bienal convida o espectador a realizar 12 exercícios para pensar a Bienal como modo de inventar novas formas de pensar a arte em meio a um momento de reconfiguração das sensibilidades no mundo. Segundo Simões e Loponte (2021, p. 150), houve a ideia de adaptar um material com o intuito de provocar e incentivar o público em tempos de isolamento:

As 12 proposições para a Bienal 12 eram um conjunto de ações que provocavam trajetos que se davam por buscas do público a partir de alguns eixos possíveis [...]. Convites para pensar práticas de mulheres cis e não cis, negras, indígenas, a insurgência da arte trans, o papel da colonização nas assimetrias da vida latino-americana estavam postos nessas atividades que agora eram provocadoras do público para deslocamentos no site.

Além das 12 proposições, o romance *Um efeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, publicado em 2008, serve como base da construção de Território Kehinde, outra proposta desenvolvida pelo programa educativo da Bienal. Kehinde é personagem negra de um enredo em que sua própria vida é acesa através de suas táticas de existir. Para Igor Simões, curador adjunto da Bienal 12 e responsável pela curadoria educativa da mostra, utilizar a figura de uma personagem que está entre a vida e a ficção e trazer à memória o passado e a marca da mulher negra simboliza estabelecer o poder da mulher negra em diferentes sentidos, para além da homenagem.

Território Kehinde é parte de um projeto que reúne mulheres e homens em rodas de conversas abertas em diferentes cidades, com troca de saberes e possibilidade de construir novas formas de aprendizado. Através de nove encontros, realizados nas cidades gaúchas de Porto Alegre, Caxias do Sul e Pelotas durante os meses de outubro e novembro de 2019, foi proposto um debate de diferentes assuntos ligados à temática do feminino, arte e educação.

Desde o princípio, o programa educativo foi desenhado para promover o debate sobre raça e gênero dentro da arte contemporânea, curadoria e feminino, a relação entre sala de aula e exposições, a presença das mulheres negras nas narrativas sobre arte, o feminismo contemporâneo, as proximidades e distanciamentos entre indígenas e negros etc. Sob a ótica do feminismo negro e dos corpos negros, seu lugar tem gerado inúmeras discussões, que necessitam de olhares solidários a fim de criar novas possibilidades de existir no mundo. Assim, os encontros do Território Kehinde reafirmam que um corpo negro “não deve olhar o mundo a partir de uma mostra sem trazer consigo saberes, epistemologias que se confundem com suas estratégias de sobrevivência” (Simões; Loponte, 2021).

Nessa perspectiva, o capítulo seguinte apresenta duas obras da artista homenageada Rosana Paulino (São Paulo, 1967) presentes na Bienal. Rosana desenvolve seus trabalhos através de técnicas mistas como escultura-objeto, escrita-gravura, fotografia-pintura e instalação-performance, fazendo uso de objetos comuns ao dia a dia, tais como fotografias, linhas de costura, almofadas. O seu trabalho tece críticas relacionadas às questões étnico-raciais e de gênero, possuindo um elo muito forte com a cultura africana e o espaço social ocupado pela mulher negra (Dionísio; Sugawara, 2018).

3 Rosana e a Bienal: tramas e costuras do afeto

Rosana Paulino (São Paulo, 1967), considerada pioneira nas discussões relacionadas à raça e gênero no Brasil, já teve suas obras expostas em países como EUA, Chile, Bélgica, Holanda, Espanha e Portugal, e além de realizar o seu trabalho como artista visual destaca-se pela sua trajetória como arte-educadora. Com doutorado em Artes Visuais e bacharelado em Gravura pela ECA/USP, seus trabalhos focam na posição da mulher negra na sociedade brasileira e nas diversas formas de violência e opressão vivenciadas por essa população, de forma a denunciar o racismo estrutural.

Paulino destaca no seu processo criativo a importância de vir de uma origem simples: nascida no interior de São Paulo, brincava com suas irmãs de desenhar e bordar, técnicas hoje incorporadas ao seu trabalho como artista, e através da fotografia busca enfatizar os

preconceitos da sociedade brasileira em relação aos corpos negros femininos, além de possibilitar a relação afetuosa com o seu local de origem e memória (Trindade, 2020).

Na Bienal 12, Rosana marca sua participação como artista homenageada com oito trabalhos expostos de forma virtual: *Parede da Memória* (1994-2015), *Série Carapaça de Proteção* (2003), *Série Tecelã* (2013-2014), *As Filhas de Eva* (2014), *História Natural* (2016), *Paraíso Tropical* (2017), *A Geometria à Brasileira chega ao Paraíso Tropical - Azul* (2017-2018) e *A Geometria à Brasileira chega ao Paraíso Tropical – Amarelo* (2017-2018). Através de suas obras, a artista instala questionamentos relevantes à Bienal 12 que partem do seu livro *História Natural*, indagando até onde o conhecimento científico contribui para estabelecer os fundamentos do racismo e até que ponto o cânone da arte brasileira é branco e patriarcal.

Representada pela instalação *Parede da Memória* (1994-2015), hoje parte do acervo da Pinacoteca de São Paulo, a obra é uma crítica à realidade vivenciada pela população negra na sociedade (Gonçalves, 2020). Disponível on-line, ela é constituída de patuás utilizados como forma de proteção nas culturas africana e afro-brasileira. Embora utilize apenas 11 fotografias, a repetição de milhares de unidades nos remete à ideia de multidão.

De acordo com Rosana, é possível ignorar um elemento isolado, uma única pessoa, mas é impossível ignorar o todo, a quantidade de pessoas com os olhos voltados a você (Trindade, 2020). Como obra inaugural de sua carreira, Rosana utilizou pequenas bolsas almofadadas com fotografias de seus familiares impressas. *Parede da Memória* sofreu diversas alterações ao longo do tempo devido às interações com os espaços expositivos, alternando seu aspecto visual, uma vez que ganhou e perdeu diversos amuletos enquanto esteve em circulação, chegando a possuir 1500 patuás.

A maneira como Rosana faz uso de fotografias e patuás reflete o lugar da memória em suas obras. De acordo com Trindade (2020), tais fraturas expostas pela artista proporcionam experiências estéticas e políticas que manifestam camadas de temporalidades em suas narrativas. Embora a união de muitos patuás possa impactar o espectador e fazê-lo deduzir que a artista tenha alguma ligação com a arte africana ou religiões afro-brasileiras, o ato de recuperar esses pequenos patuás está relacionado à sua vivência doméstica, pois por uma década, patuás estiveram presentes, próximo à porta de sua família pelos seus significados de proteção (Bevilacqua, 2018).

Parede da Memória une a fotografia e a costura trazendo as lembranças da família e de uma origem afro, remetendo à religiosidade, ao jogo (jogo da memória) e à montagem. Trata-se, portanto, de uma obra que está em movimento e que se apropria de elementos da memória,

que ora são próximos, ora se distanciam e se relacionam com uma interrupção de um modo de estar no mundo que a artista reconhece como seu (Seligmann-Silva, 2022).

Através das fotos impressas em pequenos amuletos, formando um grande painel, o interesse de Rosana vai além da história pessoal e submerge em um exercício de interpretação mais abrangente. Seu grande intuito aqui não é contar a história da sua família, mas trazer simbolicamente tantas outras histórias de negros e negras submetidos à violência, como uma oportunidade de atribuir o direito à dignidade a essas pessoas (Continente, 2020).

Para a artista, a ciência não está isenta de racismo. Em seu livro *História Natural*, Rosana utiliza técnicas mistas de imagens transferidas a papel e tecido, linoleogravura, ponta seca e costura a fim de sublinhar o papel da ciência em relação ao racismo. São 12 pranchas dedicadas à pesquisa das teorias da classificação das raças. Por meio de colagens e gravuras, a artista denuncia a história validada pelo moralismo, religiosidade e pseudociência com imagens borradas, sujas e suturadas (Oliveira, 2021).

Em entrevista para o Jornal da Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a artista defende que as ciências precisam se reaproximar das pessoas, e que, embora tenha sido costumeiramente considerada como “neutras”, a história das ciências sempre foi norteadas por opções políticas:

Isso não é negacionismo. A gente sabe que o negacionismo está aqui, sem dúvida nenhuma, e eu, obviamente, não sou negacionista. Mas, por outro lado, a ciência tem uma responsabilidade muito grande em relação às populações negras e indígenas. Não dá também para a gente passar pano para ela, no sentido de estar fingindo que não existe essa responsabilidade. A ciência vai ter que fazer uma revisão de seus dogmas em relação a essas populações e em relação à cultura das pessoas (Ortega, 2021).

Desse modo, Rosana Paulino apresenta, em *História Natural*, a investigação do fazer científico no Brasil buscando os elementos e evidências que ocorreram desde a colonização do território nacional e fortaleceram as desigualdades raciais e étnicas. Com o olhar crítico sobre o passado e atento ao presente, a artista conduz através de diferentes técnicas as singularidades e apresenta as tensões para criar seus sentidos e costurar sua narrativa.

O interesse da artista pela ideia de visualidade e visibilidade negra foi um processo natural, trazendo essa representação por meio da fotografia. Com a série *História Natural*, Paulino deseja instalar no espectador um olhar crítico quanto à classificação dos seres, fauna e flora, justificada pela construção de uma falsa inferioridade da população negra. O interesse pela biologia, principalmente pela forma como os pensamentos são elaborados, a pseudociência e o racismo científico a acompanham ao longo dos anos e são base para a sua produção artística (Simões, 2022).

Bevilacqua (2018) aponta que, em seu livro de artista, Rosana expõe a relação da ciência com a escravidão. É possível verificar, ao longo de suas páginas, a incorporação de imagens de negros escravizados ocupando o espaço com a fauna, flora, mapas, um navio negreiro e objetos de castigo. De acordo com a autora, os esqueletos presentes na obra representam a ciência, porém remetem à simbologia das mortes de escravos e de populações indígenas. Em sua obra *As Gentes*, os rostos de dois indígenas e de uma mulher escravizada são ocultos, como se tivessem sido recortados. A ausência das faces evidencia-se em azulejos ao fundo, que sugerem a presença portuguesa invasora responsável pela perda de suas identidades. A artista ilustra, nessa obra, a objetificação e desumanização de pessoas não europeias no Brasil, apontando a violência psíquica sobre os corpos colonizados (Amaral, 2022).

Ao apagar os rostos para restituí-los, Paulino nos induz a prestar atenção à responsabilidade diante do infinito que todo rosto guarda e à invalidação a que esses grupos de pessoas são submetidos. Aqui, fica evidente o trabalho escravo, o corpo como instrumento carregador de fardos, o corpo torturado e a destituição do indivíduo como forma de tornar anônimas essas pessoas (Seligmann-Silva, 2022), sendo notável a despersonalização de pessoas não brancas através de uma fundação colonial (Amaral, 2022). Por outro viés, esses recortes nas faces podem levar o espectador a conectar-se com a obra de modo a reconhecer-se naquela cena, ocupando-a com novos rostos. Trata-se, assim, de uma proposta de reencontro entre o passado e o presente (Bevilacqua, 2018).

Em live realizada em 28 de maio de 2020 no canal da Fundação da Bienal do Mercosul no *YouTube*, Rosana junta-se ao curador adjunto da Bienal Igor Simões para explicar sua participação na mostra. A artista expôs seu medo do surgimento de novos meios de exclusão, visto que o número de pessoas negras na arte é muito pequeno, e quando se fala na figura feminina esse número diminui ainda mais (Live, 2020b). Além disso, defendeu que o acesso à uma formação de qualidade é a principal barreira para a formação de novos artistas e que é dever do Estado agir para que sejam criadas novas políticas públicas de acesso às artes.

Quanto às suas obras, a artista explicou que as suturas presentes se relacionam à forma como as questões raciais são encaradas no Brasil; em razão disso, ela deseja trazer à tona toda a sujeira que é varrida para debaixo do tapete. Explicou, ainda, que as suturas, partes de tecido unidas através da costura, ocorrem através de um processo lento, que necessita de atenção e higiene para que tenha um bom resultado, e que no caso do Brasil não existe essa preocupação em considerar as especificidades. Aqui, Paulino vê a sociedade se esgarçando ao realizar essas suturas à força, sem que haja uma limpeza anterior.

4 Resultados e discussão

Este artigo trouxe como recorte a presença imponente de Rosana Paulino na 12^a Bienal do Mercosul. Sua trajetória como artista visual, educadora e pesquisadora nos colocam frente a frente, sem filtros, às denúncias do abuso racial e ao lugar social da mulher negra no Brasil. As obras mencionadas neste projeto tratam de forma direta as ideias contrárias ao discurso da pseudociência que colocara a “raça branca” como superior e, com isso, criara um racismo cientificamente aceitável.

A Bienal, por sua vez, ao proporcionar o pensamento crítico por meio do projeto curatorial e educativo nos permite refletir sobre as linguagens plurais existentes na mostra, considerando as propostas de mulheres e todas as sensibilidades relacionadas ao gênero. O projeto curatorial e educativo da Bienal, ao criar espaços de intercâmbio e debate, amplia as vozes e experiências de mulheres e minorias, promovendo uma quebra das estruturas tradicionalmente excludentes do meio artístico. Através das proposições artísticas, o público é convidado a pensar criticamente temas urgentes, como a desigualdade racial e de gênero, fortalecendo a democracia e ampliando os contornos da cidadania.

Nesse contexto, a participação de Rosana Paulino na Bienal 12 se destaca como um importante instrumento de reflexão e resistência. Suas obras abordam de forma contundente as questões raciais e de gênero, desafiando o discurso da pseudociência que historicamente promoveu a inferiorização de pessoas não brancas. Ao expor a violência psíquica e a desumanização sofridas por grupos colonizados, Rosana nos convida a olhar de frente para a história do Brasil e a reconhecer a urgência de mudanças sociais e culturais.

5 Considerações finais

Rosana Paulino, como artista homenageada, representa um marco na construção das discussões sobre a presença da mulher negra na arte e na luta contra o racismo. Suas obras têm o poder de questionar o status quo e nos incitar a enxergar além das aparências, revelando as profundas feridas e cicatrizes que a história carrega. Através do uso da arte visual e da simbologia, ela nos desafia a refletir sobre nosso papel na sociedade e a buscar novas formas de convivência mais justas e igualitárias.

Em suma, a presença de Rosana Paulino na 12^a Bienal do Mercosul é um exemplo de como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de resistência, transformação e inclusão social. Sua obra nos convida a olhar para o passado, encarar o presente e construir um futuro mais consciente e solidário, em que todas as vozes e experiências sejam valorizadas e respeitadas.

Referências

- AMARAL, Diego Granja. Rasurando o retrato, reconfigurando os corpos: A rasura como gesto político-estético nas obras de Rosana Paulino e Elian Almeida. **Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v41i1.52838>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52838/31979>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. O vazio na obra de Rosana Paulino. In: PICCOLI, V.; NERY, P. (org.). **Rosana Paulino: a costura da memória**. São Paulo, Pinacoteca de São Paulo, 2018. p. 149-161. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/12191.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- BIENAL MERCOSUL. **Educativo Bienal 12**. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/educativo-bienal12>. Acesso em: jul. 2023.
- BIENAL MERCOSUL, **Site da Bienal**. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/online>. Acesso em: jul. 2023.
- BIENAL MERCOSUL, Sítio de Internet. **Catálogo Digital da Bienal 12 – Feminismo(s): visualidades, ações e afetos**. Disponível em: https://www.bienalmercosul.art.br/materiais?pgid=k4ecfgaf-catlogo-digital-da-bienal-12-feminismos-visualidades-aes-e-afetos_0. Acesso em: jul. 2023.
- DIONÍSIO, Gustavo; SUGAWARA, Gisele. Rosana Paulino: Arte, crítica, subjetividade. **Revista GÊNERO**, Niterói, v. 19, 1, p. 148-167, 2. sem. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v19i1.1193>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31296/18385>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Bienal 12: um espaço de intercâmbios. **Revista USP**, São Paulo, n. 126, p. 112-124, jul./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i126p111-124>; Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/176404/163948>. Acesso em: ago. 2023.
- LIVE #00 com Andrea Giunta e Gilberto Schwartsmann | BIENAL 12. [S. l.: s.n.], 2020a. 1 vídeo (1h09min). Publicado pelo canal Bienal do Mercosul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtajWkKNuNg>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- LIVE #01 com Rosana Paulino e Igor Simões - editado | BIENAL 12. [S. l.: s.n.], 2020b. 1 vídeo (1h11min). Publicado pelo canal Bienal do Mercosul. Disponível em: <https://youtu.be/yTeC7YYmOok>. Acesso em: jul. 2023.
- OLIVEIRA, A. M. de. Memórias e afetos – Afrocentricidade na 12 Bienal do Mercosul. In: SUZUKI, J. C.; NEPOMUCENO, M. M. C.; ARAÚJO, G. C. C. de (org.). **Organismos Internacionais nas Políticas Culturais para a América Latina**. São Paulo: FFLCH/USP; PROLAM/USP, 2021. p. 36-45. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587621869>. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/743/660/2451>. Acesso em: 7 dez. 2023.

ORTEGA, Anna. “Somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem”, afirma Rosana Paulino. **Jornal da Universidade**, UFRGS, Porto Alegre, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-afirma-rosana-paulino>. Acesso em: ago. 2023.

SIMÕES, Igor Moraes; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Uma Bienal em tempos de pandemia e a centralidade da curadoria educativa. **Kult-ur**, Castellón de la Plana, Espanha, v. 8, n. 16, p. 139-154, 2021. DOI: <https://doi.org/10.6035/kult-ur.6123>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8466281.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SIMÕES, Eduardo. Ancestralidade, território e ciência. **ARTE!BRASILEIROS**, 17 de outubro de 2022. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/rosana-paulino>. Acesso em: jul. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Rosana Paulino: a arte como resistência aos apagamentos da violência colonial. **Crisol**, Nanterre, França, n. 21, 2022. Disponível em: <https://crisol.parisnanterre.fr/index.php/crisol/article/view/415/486>. Acesso em: 7 dez. 2023.

TRINDADE, Denise. Narrativas da memória: suturas silenciosas em Rosana Paulino. *In*: CABRAL, Eula Dantas Taveira (org.). **Comunicação, Cultura e Informação em perspectiva**. Divinópolis-MG: Meus Ritmos Editora, 2020. p. 242-252.